



A FORMAÇÃO DO OFICIAL DE ESTADO-MAIOR E O ENSINO MILITAR SUPERIOR

Diogo de Oliveira Figueiredo

Discurso proferido na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, por ocasião da cerimônia de diplomação da Turma de 1981, em 14 de dezembro de 1981.

A mais alta instituição de ensino do Exército brasileiro está encerrando o ano letivo de 1981. No dia 11 próximo passado, sexta-feira, neste auditório, reunidos alunos de todos os cursos, oficiais-instrutores e da administração, foi realizada a penúltima atividade letiva do ano.

Olhando para trás, vemos com satisfação que foi cumprida extensa e variada programação de estudos, de pesquisas, de debates, de visitas, de viagens, de estágios, de trabalhos, de exercícios e manobras, em sala e no campo.

Tão intensas e profícuas atividades foram possíveis graças ao apoio e às diretrizes dos órgãos que orientam os trabalhos da Escola — Estado-Maior do Exército, Departamento de Ensino e Pesquisa e Diretoria de Formação e Aperfeiçoamento; mercê da colaboração de Estabelecimentos, Comandos, Organizações e Unidades da Marinha, do Exército e da Força Aérea, do Serviço

Nacional de Informações, do Estado-Maior das Forças Armadas, particularmente o Centro de Estudos de Pessoal, a Escola Nacional de Informações, o Instituto Militar de Engenharia, a Escola de Guerra Naval, a Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, a Escola Superior de Guerra e o Comando de Transporte Aéreo.

Importantes foram as cooperações de órgãos públicos federais, estaduais e municipais e de empresas privadas, bem como os ensinamentos de conferencistas civis e militares que, de nossas tribunas, engrandeceram com seu saber e experiência o acervo cultural de nossa Instituição.

A parcela mais expressiva do êxito deve, contudo, ser creditada à dedicação e competência dos instrutores e à inteligência, ao empenho, compreensão e entusiasmo dos oficiais-alunos, todos sempre exemplarmente disciplinados, corre-

tos, totalmente voltados para os afazeres do aprimoramento profissional.

Hoje, em ato solene presidido pelo Excelentíssimo Senhor Ministro do Exército, enaltecido pela presença do Excelentíssimo Senhor Governador do Estado do Rio de Janeiro, abrilhantado com a honrosa audiência de ilustres autoridades civis, militares e do Corpo Diplomático, prestigiado pelo concurso de ex-Comandantes, Generais João Bina Machado, Alzir Benjamin Chaloub e Ivan de Souza Mendes, enriquecido com a assistência de convidados e com o carinho e a alegria de familiares, diplomam-se cento e quarenta oficiais.

Cento e vinte e cinco são brasileiros, dos quais cento e oito completam o Curso de Comando e Estado-Maior; treze terminam o Curso de Chefia e Estado-Maior de Serviços; e quatro concluem o Curso de Direção para Engenheiros Militares. Quinze são oficiais de Nações Amigas, dos Exércitos da República Federal da Alemanha, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Estados Unidos da América, França, Honduras, Itália, Paraguai, Portugal e Venezuela; conviveram amistosamente conosco, emprestando-nos a colaboração inestimável de suas experiências profissionais e o calor de sincera camaradagem militar.

Encerra-se o ano letivo de 1981. Mais uma Turma se diploma. A Escola de Comando e Estado-Maior do Exército cumpriu sua missão?

É certo que sim, pois o previsto no Plano Geral de Ensino foi fielmente realizado e os temas do currículo escolar, vasto de doze matérias, trataram, em síntese, das preocupações básicas do militar de Estado-Maior: a Tática, a Logística, a Estratégia e seus métodos.

Ao leigo, a tarefa acadêmica da Escola pode então parecer simples, limitada,

rotineira, mas sabe o soldado veterano, se mestre-escola experiente nas lides do ensino das artes e ciências militares, o elevado grau de complexidade da empresa de bem equipar inteligências para a correta abordagem e razoável apreciação dos problemas de caráter militar, quando vistos pela perspectiva ampla que os situa como parcelas indissociáveis do todo das questões nacionais. É que, neste enfoque, se muitos deles podem com sucesso ser simplesmente analisados e resolvidos através do clássico procedimento do estudo de casos que imitam a realidade, outros, muitos outros, os mais importantes, os mais abrangentes, os mais delicados, os de repercussão ampla no tempo e no espaço, os que comprometem ou mobilizam recursos nacionais ponderáveis, os que podem transformar o perfil e a qualidade dos meios e dos homens, neutralizar a capacidade dos óbices, otimizar a eleição dos fins, alterar a ambiência das ações, alienar o futuro da Nação, pôr em risco sua soberania, sua integridade, a liberdade, aspirações e valores mais caros de seu povo, a segurança, a marcha do progresso, a ordem, a paz, todos estes outros só podem ser aceitavelmente equacionados através do velho e penoso método das análises e sínteses sucessivas da realidade toda, interna e externa, atual e futura, método exercitado sistematicamente em Estados-Maiores integrados por cérebros privilegiados por formal e cuidada formação acadêmica para tão delicadas quanto difíceis reflexões críticas, deduções lógicas e formulações criativas.

Em outras palavras, sabe o soldado veterano, se mestre-escola experiente nas lides do ensino das artes e ciências militares, que é tarefa relativamente simples capacitar os especialistas das táticas e da pequena logística que as serve, or-

denando suas mentes via conceitos, normas, processos e métodos doutrinários que conformam a técnica operativa ele-gida como adequada em um dado momento; mas sabe ele, também, que é problema transcendental e complexo informar e orientar o analista da Estratégia e da grande Logística, introduzindo sua inteligência nos controvertidos caminhos da teoria do confronto de poderes e da avaliação, fortalecimento, desenvolvimento, preparo e aplicação da componente militar, reconhecida a realidade da violência no espectro dos conflitos.

A instituição acadêmica, a Escola de Estado-Maior, se tenciona ser bem sucedida, deve então saber colocar as boas perguntas e apresentar as respostas convenientes, para solucionar as inextricáveis problemáticas do ensino dos dois níveis ou estágios da sua razão de ser — a preparação do Oficial de Estado-Maior: o primeiro nível, entendido como o da engenharia da ciência militar, trata do *know-how*, isto é, estuda singelamente o COMO OPERAR; o segundo estágio, concebido como o da arquitetura da arte militar, cogita do *know-why*, ou seja, debate o POR QUÊ e o PARA QUE, o ONDE e o POR ONDE, indaga QUANDO, do COM QUE, do COM QUEM e do CONTRA QUEM OPERAR.

Embora seja certo que os dois estudos se completam no espaço e devam se suceder no tempo, restam dúvidas quanto às suas condições e formas de convivência no âmbito do sistema de ensino superior militar, visto que requerem experiências distintas em gênero, número e grau, massa crítica de conhecimentos e acervo cultural que variam do mero conhecimento de técnicas e padrões prefixados, da simples capacitação em habilidades, até o entendimento e o domínio de amplo conjunto de matérias, capaz

de conformar a base teórica necessária para a interpretação de toda a realidade conjuntural, nela inserta em relevo a face militar. Acresça-se a conveniência do emprego de metodologias de ensino marcadas por diferenças expressivas, num e noutra caso, embora em ambos, à primeira vista, prevaleçam os procedimentos sócio-individualizados.

Eis então a questão que vem sendo posta como fundamental para o bom desempenho do ensino militar superior: distinguir seus níveis, delimitar claramente os objetivos de cada um e firmar suas posições no sistema, gizando normas de harmonia, oportunidades de realização, ritmos e ritos de execução.

É o que se observa do exame de reformas e de novas organizações de cursos de currículos em Institutos de Altos Estudos Militares de vários países, todos pretendendo melhorar a equação de equilíbrio dos termos da permanente dificuldade de formação do Oficial de Estado-Maior e do Chefe Militar: *completar a visão tática com a perspectiva estratégica*.

É um desafio antigo, vem de Sun Tzu, Felipe da Macedônia, de Alexandre, de César, de Turenne, de Gustavo Adolfo, de Frederico; foi vivido trágica e genialmente por Napoleão, posto em termos por Clausewitz, estudado por Moltke, Foch, Gamelin, Liddell-Hart, John Fuller, Marshall e Beaufre, e pesquisado, em termos nacionais, por muitos dos nossos mestres: Cordeiro de Farias, Juarez Távara, Mario Travassos, Castello Branco, Golbery do Couto e Silva, João Bina Machado, Meira Mattos, Lavenère-Wanderley, João Carlos Caminha, Ibsen Gusmão Câmara e muitos outros.

Estamos encerrando o ano letivo de 1981. Mais uma turma se diploma. Cumpriu a ECEME sua missão?

É certo que sim, pois o previsto no Plano Geral de Ensino foi fielmente realizado e os temas do currículo escolar, longo de doze matérias, trataram, em síntese, das preocupações básicas do Oficial de Estado-Maior: a Tática, a Logística, a Estratégia e seus métodos.

Resta, porém, a resposta ao velho desafio: *completar a visão tática com a perspectiva estratégica*, elevar os olhos do campo de manobras para a arena dos conflitos, resposta urgente para os Oficiais de Estado-Maior do Exército de um Brasil que se transforma velozmente, vive na mesma época as revoluções indus-

trial e científico-tecnológica, moderniza aceleradamente suas estruturas econômicas, integra e ocupa seu imenso território, contempla inquieto a dramática evolução de parâmetros sociais e políticos, e antevê o agravamento de desconpassos entre suas possibilidades e suas necessidades militares.

E a resposta ao velho desafio?

A resposta transfiro, confiante, aos caros e nobres companheiros, formados da Turma de 1981, novos Oficiais de Estado-Maior, nesta minha última mensagem.

Está encerrado o ano letivo!
Sede felizes!



O General-de-Divisão Diogo de Oliveira Figueiredo, oriundo da Arma de Cavalaria, é da Turma de 11.08.45 da Academia Militar das Agulhas Negras. Além do curso de formação de oficiais da AMAN, tem a seu crédito os seguintes: Guerra Química, da Escola de Instrução Especializada; Equitação, da Escola de Equitação do Exército; Aperfeiçoamento, da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; Comando e Estado-Maior, da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Superior de Guerra, da Escola Superior de Guerra. Ex-Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Atual Comandante da 3ª Divisão de Exército, Santa Maria, RS.